

ENSINO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA SURDOS DO ENSINO SUPERIOR: OBSTÁCULOS E POTENCIALIDADES

Mariana Dézinho¹
Marcia Aparecida Rodrigues Mateus²
Juliana Maria da Silva Lima³

Resumo: Este artigo é resultado de um projeto de extensão desenvolvido no curso de Letras Libras Licenciatura da Universidade Federal da Grande Dourados no ano de 2018. O estudo teve como objetivo geral apresentar a gramática básica da Língua Brasileira de Sinais para alunos surdos expondo suas aproximações e distanciamentos com a língua portuguesa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, com abordagem teórica fundamentada em autores que discutem temáticas relacionadas à surdez como: escolarização, aprendizado de L1 e L2 e acesso ao ensino superior. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa ação. Os resultados indicam que a maioria dos surdos se sentem desapontados por não conhecerem a gramática de sua língua, o que resulta no obstáculo para a aprendizagem do português como segunda língua. Espera-se que este estudo possa contribuir com o aumento das pesquisas sobre o ensino de português como segunda língua para surdos.

Palavras-Chave: Surdez, Educação de surdos; Português como segunda língua; Ensino superior.

ENSEÑA DE LENGUA BRASILEÑA DE SEÑALES PARA SURDOS DE LA ENSEÑANZA SUPERIOR: OBSTÁCULOS Y POTENCIALIDADES

Resumen: Este artículo es el resultado de un proyecto de extensión desarrollado en el curso de Letras Libras Licenciatura de la Universidad Federal de la Grande Dourados en el año 2018. El estudio tuvo como objetivo general enseñar la gramática básica de la Lengua Brasileña de Señales para alumnos sordos presentando sus aproximaciones y las diferencias con la lengua portuguesa. Se trata de una investigación cualitativa de cunho descriptivo, con abordaje teórico fundamentado en autores que discuten temáticas relacionadas a la sordera como: escolarización, aprendizaje de L1 y L2 y acceso a la enseñanza superior. La investigación fue realizada por medio de revisión bibliográfica, análisis documental y investigación de la acción. Los resultados indican que la mayoría de las personas sordas se sienten decepcionados por no saber la gramática de su lengua, lo que resulta en impedimento para aprender portugués como segunda lengua. Se espera que el estudio puede contribuir al aumento de la investigación sobre la enseñanza del portugués como segunda lengua para los sordos.

Palabras clave: Sordera, Educación de sordos; portugués como segunda lengua; Enseñanza superior.

¹ Mestre em Educação e professora do curso Letras Libras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E- mail: mdezinho@ufgd.edu.br

² Mestranda em Letras e professora do curso Letras Libras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E- mail: marciamateus@ufgd.edu.br

³ Doutora em Educação e professora do curso Letras Libras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E- mail: julianalima@ufgd.edu.br

TEACHING OF BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNS FOR DEAF OF HIGHER EDUCATION: OBSTACLES AND POTENTIALITIES

Abstract: This article is the result of an extension project developed in the Libras Degree course of the Federal University of Grande Dourados in the year 2018. The general objective of the study was to teach the basic grammar of the Brazilian Sign Language for deaf students presenting their approximations and distancing with the Portuguese language. This is a descriptive qualitative research, with a theoretical approach based on authors who discuss topics related to deafness such as: schooling, L1 and L2 learning, and access to higher education. The research was performed through bibliographic review, documentary analysis and action research. The results indicate that most deaf people are disappointed that they do not know the grammar of their language, which results in the obstacle to learning Portuguese as a second language. It is hoped, that study may contribute to the increase of research on the teaching of Portuguese as a second language for the deaf.

Key words: Deafness, Deaf education; Portuguese as second language; Higher education.

1. Introdução

Passados dezessete anos desde a aprovação da Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002, marcada pelas lutas de movimentos surdos em prol de seus direitos linguísticos e sociais, as discussões legais acerca das línguas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem das pessoas surdas ganharam visibilidade política na esfera federal.

Segundo Lacerda e Lodi (2009, p.143), o ensino-aprendizagem da linguagem escrita da língua majoritária como segunda língua para surdos tem sido tema de diversos estudos desenvolvidos à luz de diferentes perspectivas teóricas. Para Almeida (2012, p.13), até pouco tempo acreditava-se que era a surdez a grande responsável pelas dificuldades apresentadas na leitura e escrita por grande parte das pessoas surdas. Contudo, esta crença provém de uma série de adversidades históricas sobre o processo de escolarização dos surdos.

Quanto às metodologias desenvolvidas para a educação de surdos, é possível afirmar que existiram duas grandes concepções: uma voltada para a perspectiva clínico-patológica de práticas pretéritas com um viés mais de reabilitação do que de ensino, e outras que caminharam no prisma do processo educativo. Neste sentido, Albuquerque e Barros (2016, p.153) relatam que a oralização, primeira metodologia de educação de surdos, perdurou por muito tempo e deixou cicatrizes profundas. A segunda foi a implementação da comunicação total, um método misto entre fala e sinais. E, por fim, nos anos 90 tivemos avanços no estudo sobre bilinguismo.

Lima (2015, p.67) afirma que o ensino de língua portuguesa para surdos ainda é

um grande dilema. Mesmo que a Política Nacional de Educação Inclusiva e as legislações que tornaram a Libras língua oficial dos sujeitos surdos, ou seja, sua língua materna, determinem que a língua portuguesa é a segunda língua do surdo e deve ser ensinada na modalidade escrita, o status e o espaço que o português ocupa no cotidiano escolar ainda são majoritárias.

Os processos do moroso reconhecimento linguístico, somado a distintas metodologias de ensino, além da falta de contato com a língua de sinais em fase propícia para aquisição de linguagem são alguns dos exemplos que interferem na aprendizagem do português como segunda língua. Neste viés, Fernandes (2001, p.112) afirma, então, que pelo fato de não apresentarem os resultados esperados (por razões óbvias) em se alfabetizar com as mesmas metodologias e no mesmo tempo que as crianças ouvintes (já que esse processo se baseia na oralidade), os surdos acabam sendo marginalizados pelas particularidades evidenciadas na escrita e pela impossibilidade de atribuírem sentidos aos textos que leem na lógica solicitada pela escola.

Conforme dados fornecidos pelo INEP (2006) e IBGE (2000), a população de surdos brasileiros com idade de 0 a 24 anos é de 776.884. Entretanto, deste total apenas 69.420 estão matriculados no sistema de educação, isto é, 91,07% não faz parte do sistema de ensino brasileiro. No que tange à evasão do ensino fundamental, os números são ainda mais assustadores: 79,51%, ou seja, dos 13,72% que ingressam na educação infantil e ensino fundamental, apenas 3,85% chegam ao ensino médio, e o ingresso ao ensino superior é realizado por apenas 0,94% da população surda.

A maior presença de estudantes surdos em contextos universitários é recente, e decorre de diversos fatores, entre os quais: o reconhecimento, a partir de meados da década de 1990, do status de língua para a língua de sinais; o desenvolvimento de propostas de educação bilíngue de qualidade para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos aumentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais. (BISOL ET AL, 2010, p 147)

A partir da contextualização apresentada, o presente trabalho apresentará um relato de experiência de um curso de extensão de ensino de Libras para surdos acadêmicos do curso Letras Libras Licenciatura da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que teve como intuito oportunizar o conhecimento da gramática de sua própria língua, a qual o faz constituir-se como sujeito.

2. Da escola à universidade: a relação entre o surdo e a língua portuguesa

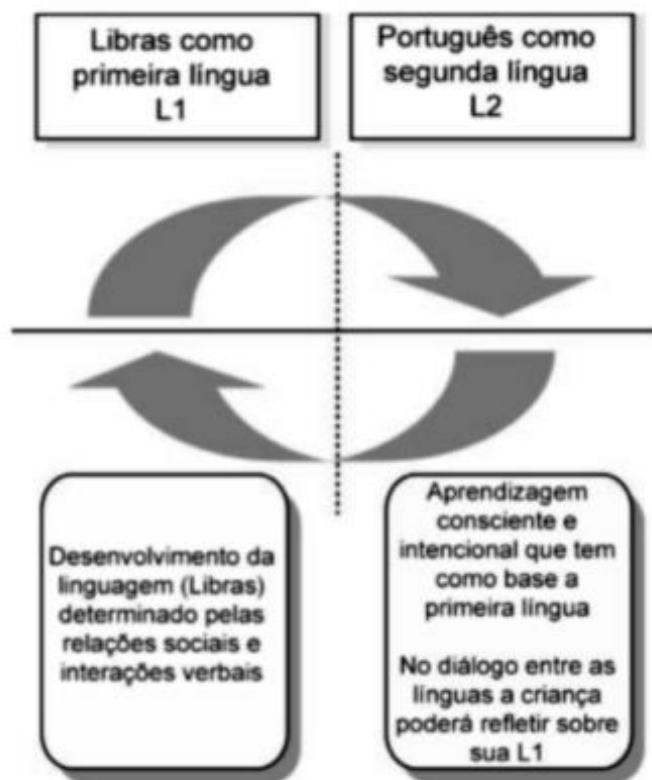
Segundo estudos de Guarinello (2004, p.12), até pouco tempo o ensino de português para surdos iniciava-se com escolhas de palavras como apoio concreto, primeiro com objetos e depois com figuras. Em seguida, essas palavras eram utilizadas dentro de frases e deveriam ser decoradas pelos alunos. O que temos visto, contudo, é que a escola confere à língua portuguesa, língua legítima, a valorização da competência comunicativa de estudantes usuários desta língua, imposta pela cultura majoritária dos ouvintes. Nesta lógica, Botelho (2013, p.58) relata que a preocupação central em muitas escolas ainda é o ensino de palavras. E as palavras, por sua vez, não fazem sentido como pertinentes a uma categoria comum, tampouco se relacionam com um tema significativo.

A impossibilidade de fazer relação entre oralidade e escrita, processo comum às crianças ouvintes quando chegam à escola, faz com que o português se transforme para os surdos, naquilo que pode ser visto. Ou seja, todo processo de apropriação da língua portuguesa pelos surdos estará pautado em experiências visuais com a língua, que seriam prioritariamente centradas na leitura. (FERNANDES, 2001, p.111)

Para Lima e Dézinho (2018, p 03), é necessário estabelecer oportunidades para que estudantes surdos possam se apropriar do capital simbólico inerente aos espaços educacionais. Mas, para isso, deve-se levar em consideração a condição sociolinguística da pessoa surda. Todavia, a escola comum que atende estudantes surdos, em sua maioria, ainda não realiza alterações metodológicas e não repensa o seu currículo em prol da valorização social da Libras.

Entretanto, para Almeida (2012, p.103), o surdo aprendiz de uma segunda língua somente será capaz de utilizar as informações desta nova língua de tal forma a observar, comparar e concluir tendo como base os constructos internos e hipóteses mentais adquiridos por intermédio da primeira língua, como podemos ver na imagem abaixo:

Imagem 1: Processo de desenvolvimento da linguagem



Fonte: Lodi (2011)

Parafraçando Lima e Nunes (2018, p.105), não se pode perder de vista que o estudante surdo, usuário da Libras, possui inicialmente a consciência linguística apenas nessa língua. Sendo assim, deve trabalhar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa como L2 a partir de uma metodologia que não considere apenas a aquisição de uma nova língua, mas também de uma outra modalidade (M2). O surdo tem sua aprendizagem interposta por obstáculos, devido à sua limitação de recepção de sons e ruídos em tudo em sua volta. Quando adquirida sua língua na fase inicial de seu desenvolvimento, chega à escola com maior potencial para a aprendizagem da língua portuguesa escrita.

No que se refere ao acesso dos surdos ao ensino superior, Ochiuto e Rocha (2018,p133) relatam que os avanços da comunidade surda na trajetória do ensino superior têm sido lentos, mesmo sendo garantida e estabelecida a inclusão do estudante surdo na sala de aula presencial, tida como convencional, ainda que de forma limitada em decorrência da pouca interação comunicacional com os professores e os pares, devido ao pouco ou nenhum domínio da Língua Brasileira de Sinais – doravante Libras – pela

comunidade universitária.

O acesso e a permanência do sujeito surdo no locus universitário deve-se, indiscutivelmente, às lutas empreendidas pela comunidade surda e seus defensores para que as políticas públicas da educação de surdos saíssem dos discursos e plenárias representativas e passassem a vigorar de forma prática na universidade. (OCHIUTO; ROCHA, 2018, p.133)

Os surdos têm buscado o acesso ao ensino superior assim como os ouvintes na busca por formação qualificada. Todavia, Sampaio e Santos (2002, p.32) expõem que “a escolarização em nível universitário pressupõe uma considerável quantidade de trabalho intelectual, exigido principalmente em atividades de leitura, compreensão e expressão de conteúdos complexos”. A leitura e a escrita são, portanto, dois grandes desafios para os estudantes que ingressam na universidade, muitos dos quais trazem na bagagem deficiências de compreensão e falta de hábito e gosto pela leitura.

Sob esta perspectiva, Bisol *et al* (2010, p. 168) afirma que diversos aspectos devem ser examinados ao se analisar a situação do jovem surdo que ingressa no ensino superior. No mínimo, é preciso considerar sua trajetória escolar pregressa e o contexto institucional em que ele busca se inserir. Quadros (1997, p. 55) propõe que, tal qual a escola, a universidade incorporem a biculturalidade da comunidade surda na perspectiva da combinação de duas culturas específicas em seus saberes de modo a participar com mais propriedade dessa comunidade.

2. Contextualização histórica do curso Letras Libras: uma ponte entre a UFSC e a UFGD

A idealização do curso Letras Libras iniciou-se no ano de 2002 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com uma parceria feita entre o Laboratório de Ensino a Distância, professora Ronice M. de Quadros, professor Vilmar Silva e um grupo de surdos da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Entretanto, Quadros (2014, p.10) relata que “foi em 2005 que a criação do curso foi aprovada em todas as instâncias da UFSC, e foi decidida a submissão de um projeto para o oferecimento deste curso na modalidade a distância, com o apoio do Ministério da Educação”.

Estes cursos foram oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade a distância, como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2009. Nessa modalidade, a titulação da primeira turma da UFSC foi em 2010 e da segunda em 2012, com alunos espalhados em 16 estados brasileiros. O curso

formou um total de 389 alunos licenciados em 2010, 312 bacharéis e 378 licenciados em 2012. (QUADROS, 2014, p.10)

A modalidade de oferecimento deste curso⁴, além de ter um caráter democratizador, partia de um viés multiplicador, uma vez formou vários profissionais com uma abrangência nacional. Para Quadros (2014, p.10), “o objetivo da formação desses profissionais em vários estados do Brasil garantiria a multiplicação de formadores em todo território brasileiro”. A Universidade Federal da Grande Dourados, por meio da Faculdade de Educação (FAED), especialmente na figura da professora Dr^a. Marilda Moraes Garcia Bruno, foi uma das instituições de Ensino Superior que participou do convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina no oferecimento do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras na modalidade a distância.

Desta forma, no ano de 2013, a UFGD, tendo participado desse convênio com a UFSC, demonstrou o interesse na oferta de cursos de formação de professores em Letras Libras, bem como em oportunizar a inclusão social de surdos na sociedade por meio da formação acadêmica, possibilitando sua inserção no mercado de trabalho. Como desdobramento do trabalho realizado pela UFSC, no ano 2016, tem-se mais 3 universidades públicas, além da UFGD que ofertam esse curso na modalidade a distância, são elas: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de licenciatura em Letras Libras foi o primeiro curso institucional da modalidade de Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, ou seja, diferentemente dos demais cursos oferecidos na modalidade a distância em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UAB, o Letras-Libras faz parte do rol de cursos institucionais da UFGD.

A Licenciatura em Letras-Libras foi implantada por meio de ações diretas do Ministério da Educação em decorrência do [Viver sem Limites](#) – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, instituído pelo decreto nº 7.612 de 17 de novembro de 2011 e visa à efetivação da educação bilíngue como uma estratégia pedagógica para a garantia do direito à educação das pessoas com surdez usuárias da Língua Brasileira de Sinais – Libras. (PPC, 2017, p. 10)

A criação do Curso de Licenciatura em Letras Libras visava ampliar, em médio prazo, em Dourados⁵ e cidades circunvizinhas, o quantitativo de profissionais com uma

⁴ Modalidade EaD.

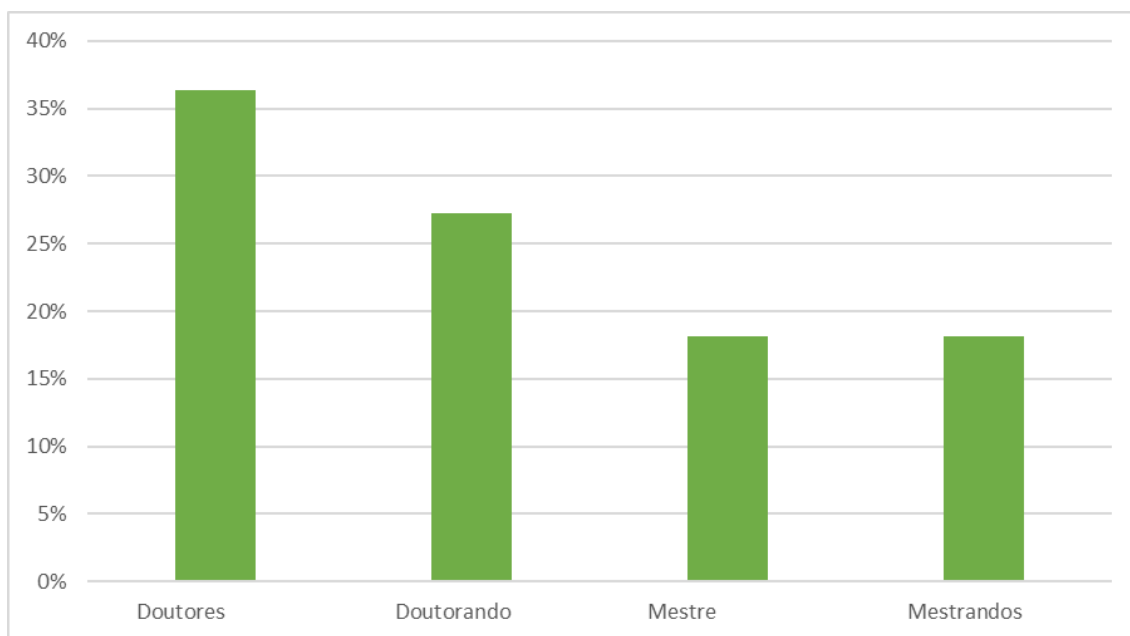
⁵ Sede do curso.

formação sólida, domínio da língua estudada e suas culturas, para atuar como professores de Libras na modalidade de ensino dessa língua como primeira e segunda língua nas escolas e instituições das comunidades em que atuam.

Levando em consideração que o estado de Mato Grosso do Sul possui uma grande extensão territorial e que as cidades possuem uma distância considerável umas das outras, a EaD passou a integrar o leque das prioridades da UFGD pela possibilidade de inovação e diversificação no processo pedagógico, diminuindo distâncias e multiplicando conhecimentos.

Atualmente o quadro de professores do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Faculdade de Educação a Distância conta com 12 vagas de professores, das quais 11 foram preenchidas e 01 vaga aguarda edital de concurso. Deste total, 6 professores possuem graduação em Letras Libras (4 em licenciatura e 2 em bacharelado), e 5 em outras áreas de ensino.

Gráfico 1: Corpo docente do curso Letras Libras UFGD



Fonte: Criado pelas autoras (2019)

As aulas presenciais do curso acontecem uma vez ao mês, com o encontro presencial no primeiro final de semana⁶ do mês. Além das aulas já previstas, os alunos

⁶ As aulas acontecem na sexta à noite e no sábado o dia todo.

contam com o atendimento no AVA Moodle ou por Webconferência, em salas virtuais na forma de links disponibilizados pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP e, também, com vídeo aulas do ambiente virtual.

No ano de 2018, pensando na possibilidade de ampliação do curso e visando oferecer formação para os profissionais intérpretes e também formar novos profissionais, suprimindo outra grande lacuna desta área, a UFGD passou a ofertar o Letras Libras Bacharelado.

3. Projeto de extensão: um relato de experiência e aprendizado

O projeto de ensino de língua brasileira de sinais para surdos tem suas raízes atreladas ao processo seletivo para o curso de Letras Libras de 2017, que ofertava 30 vagas para novos estudantes para o ingresso em 2018, com prioridade para surdos, cumprindo o Decreto 5.626/05, que prevê a formação de professores surdos para o ensino de Libras. Para realização da prova, foram selecionados alguns conteúdos relevantes que eram necessários que o ingressante tivesse como pré-requisito para entrar no curso, como podemos ver na tabela abaixo:

Quadro 1: Áreas de conhecimentos para a prova do vestibular

I – PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA					
Data	Início	Término	Área	Nota	Total de Pontos
03/12/2017 (domingo)	13h	17h30min	Redação em Língua Portuguesa	0 a 10	10
II – PROVA OBJETIVA (60 questões)					
Data	Início	Término	Áreas	Nº de Questões	Total de Pontos
03/12/2017 (domingo)	13h	17h30min	Conhecimentos Gerais	10	10
			Língua Brasileira de Sinais (libras)	20	20
			Português como Segunda Língua para Surdos (L2)	05	05
			Português como Língua Materna para Ouvintes (LM)		
			Informática Básica	05	05
TOTAL GERAL				40	40

Fonte: Retirado do Edital de Abertura CCS nº 11/2017 UFGD.

Após o término da seleção dos alunos e análise dos resultados do vestibular,

percebeu-se que a maioria dos candidatos apresentou dificuldade em responder as questões de conhecimentos específicos da língua brasileira de sinais. Desta forma, a ideia deste projeto nasceu da necessidade de oportunizar aos surdos o conhecimento da gramática de sua própria língua, uma vez que a maioria destes sujeitos possui domínio dos sinais mas não tem o conhecimento linguístico específico da língua.

Tendo a intenção de desfrutar da aprendizagem da Libras em todos os seus elementos, no início do ano de 2018, foi elaborado o projeto de extensão que concorreu ao edital PROEX Nº 57 de fluxo contínuo para ações de extensão sem ônus para instituição. Este projeto teve como objetivo geral apresentar a gramática básica da língua brasileira de sinais e como desdobramentos enfatizar seus aspectos mais relevantes e fazer aproximações e distanciamentos coma gramática da língua portuguesa.

Levando em consideração que o curso Letras Libras acontece no formato de educação online e que a maioria dos discentes mora em outras cidades que não Dourados e até mesmo outros estados como Paraná, Mato Grosso e São Paulo, verificou-se que no município de Naviraí, cidade distante de Dourados por 140 Km, residiam 5 alunos do curso mencionado.

Desta forma, após a aprovação do projeto, foi realizado o convite para estes acadêmicos e para a comunidade em geral (surdos e ouvintes) que tivessem interesse de participar do curso. É pertinente destacar que no município de Naviraí não existem cursos de aperfeiçoamento na área da Libras para surdos. Os atendimentos existentes no município são os de intérpretes educacionais, sala de recurso (AEE) e Central de Interpretação de Libras. Contudo, a maioria dos surdos são adultos e encerraram suas atividades escolares.

Foi delimitado o período de março a novembro de 2018 para a realização do projeto, visto que era necessário tempo suficiente para discussão e assimilação dos conteúdos mediados. O curso aconteceu às segundas-feiras à noite, uma vez que a maioria dos participantes trabalhava durante o dia, e teve como local de realização a Associação Naviraense de Pessoas com Deficiência (ANPEDE).

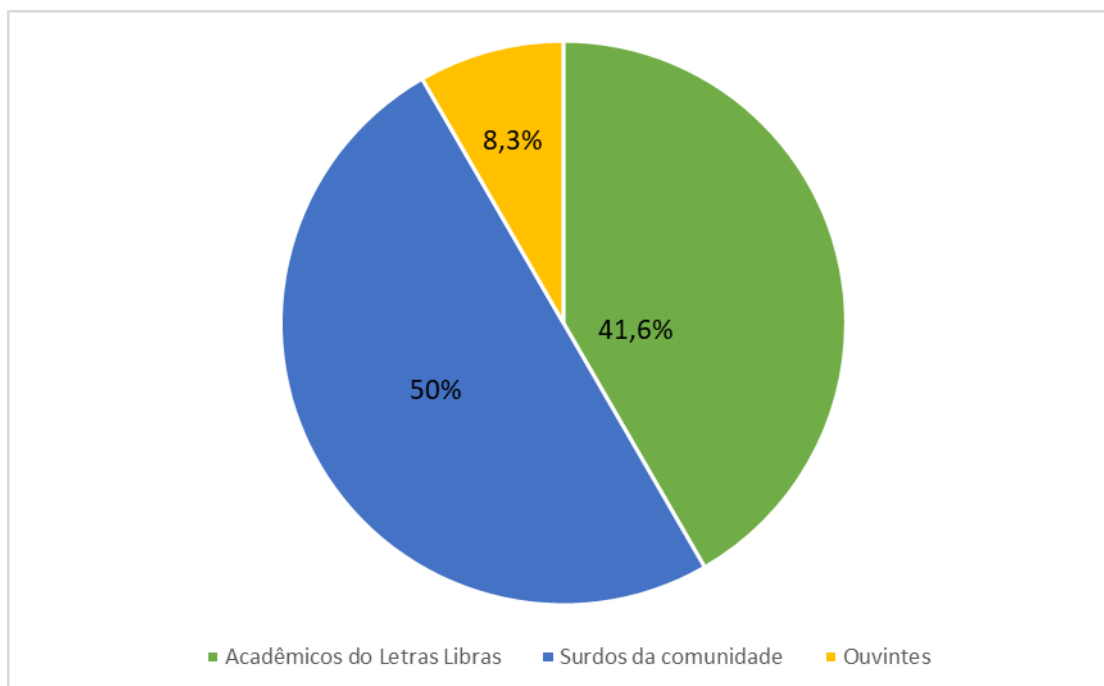
A ANPEDE foi fundada em 15 de fevereiro de 2013. É mantida através da contribuição de empresários e de convênio com a Prefeitura de Naviraí e trabalha com o objetivo de: garantir os direitos dos deficientes; mobilizar as pessoas com deficiência; garantir o acesso da pessoa com deficiência ao mercado de trabalho; requisitar a realização de cursos de qualificações profissional, educacional e acadêmica; auxiliar as

empresas para que possam estar cumprindo a Lei 8.213/91; garantir a igualdade social, diminuindo a distância que há entre as pessoas com deficiência; orientar direitos e deveres das pessoas com deficiência, como Benefício de Prestação Continuada; realizar encaminhamento de passe livre; procurar prestar apoio às famílias em situação de vulnerabilidade e dar cursos de formação para a comunidade que se relacione a pessoas com deficiência.

O curso foi organizado com a carga horária de 70% realizada na forma presencial e 30 % em atividades online que auxiliaram na fixação do conteúdo. O corpo docente foi composto por três professoras: uma como coordenadora do curso e duas como colaboradoras, todas professoras bilíngues com formação na área de Letras Libras e com experiência no ensino de surdos.

No que tange à adesão do projeto, obteve-se 5 inscrições de alunos do Letras Libras, 6 inscrições de surdos da comunidade e 1 inscrição de ouvinte, como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Total de participantes por seguimento no curso



Fonte: Criado pelas autoras (2019)

Quanto aos conteúdos ministrados, estes foram pensados para que os estudantes pudessem conhecer, mesmo que de forma perfunctória, os eixos que conduzem os estudos e pesquisas da língua brasileira de sinais. Foi realizada a divisão do conteúdo em blocos

para facilitar a organização e sequencialidade do conteúdo a ser ministrado, começando com uma introdução sobre os aspectos básicos que envolvem a língua de sinais como língua até questões mais complexas de ordem gramatical. Como bibliografia norteadora foi utilizada a obra de Quadros e Karnopp (2004), como podemos ver abaixo:

Tabela 1: Conteúdos ministrados durante o curso

A linguística e a Língua Brasileira de Sinais	Apresentar os estudos científico das línguas naturais e humanas.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conceitos básicos de linguística; ➤ Estrutura gramatical da Libras.
Morfologia	Conhecer a estrutura interna dos sinais e das palavras.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Léxico da língua brasileira de sinais; ➤ Processo de formação de palavra e sinais, ➤ Derivação e flexão da Libras.
Fonologia	Descobrir a estrutura e a composição dos elementos fonológicos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Parâmetros da língua de sinais; ➤ Restrições na formação dos sinais.
Sintaxe	Analisar a estrutura das frases	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ordem básica da frase em Libras; ➤ Tipos de verbo (simples, com concordância e espaciais).

Fonte: Criado pelas autoras (2019)

Quanto ao formato das aulas presenciais, estas eram realizadas por meio de aula expositiva dialogada, ou seja, a exposição do conteúdo foi realizada por professor e aluno, oportunizando espaço para discussão, questionamentos, interpretação do objeto de estudo, levando em consideração o conhecimento prévio, utilizando-se de recurso de tecnologias como computador e Datashow, além de conteúdos impressos com características iconográficas para facilitar a compreensão de forma visual dos alunos. Já as atividades online estavam voltadas para a prática e revisão dos conteúdos ministrados de forma presencial, utilizando-se de metodologias de atividades em grupos para estimular o trabalho em equipe visando ampliar a interação e estimulação no uso da língua de sinais.

No que tange à avaliação, esta foi realizada de forma contínua e processual, ou seja, foi levada em consideração a combinação de vários recursos para mensurar o aprendizado, como: produções, comentários, apresentações, criações e trabalhos em grupos. Considerou-se este formato de avaliação uma vez que esta relação entre o ensino e a aprendizagem de Libras torna o docente corresponsável pelo processo e oportuniza a autonomia do aluno surdo para conhecer novos conteúdos e partilhar o que já se sabe.

4. Resultados alcançados

Ao término deste projeto de extensão, alguns pontos merecem ser elencados. O primeiro ponto, voltado ao carácter técnico, é que se obteve êxito na participação do público almejado, a frequência foi próxima de 100% e a realização das tarefas inicialmente propostas foram cumpridas no prazo estabelecido, com propriedade satisfatória.

O segundo ponto de destaque é a quantidade considerável de novos conhecimentos específicos adquiridos de sua língua durante a realização do projeto. Várias foram as discussões profícuas sobre os problemas oriundos das práticas que foram sistematizadas e trabalhadas com brandura, uma vez que a pequena carga horária das disciplinas, em geral, impossibilita o trabalho do conteúdo de forma mais aprofundada.

Observou-se que este espaço criado para o ensino de língua de sinais favoreceu a aproximação entre os sujeitos surdos e sua própria comunidade, resgatando a memória de conhecimentos dos alunos. Este processo, mesmo que tímido, fortalece o movimento surdo, dando novas oportunidades de simbolizar e se comunicar. Essas práticas, ainda, possibilitam a percepção da diversidade cultural e a transdisciplinaridade, desenvolvendo um olhar sobre a alteridade e propiciando o conhecimento e fortalecimento de sua identidade e subjetividade.

Os alunos perceberam que ainda existem muitos enfrentamentos a serem feitos, tanto políticos como sociais, e que é necessário continuar a lutar por reconhecimento efetivo de sua língua, seus direitos a educação, saúde e comunicação.

No que tange à docência, percebe-se a relevância no desenvolvimento de práticas que levem à reflexão de implicações epistemológicas entre teoria e prática, vindo na extensão uma forma de abrir novos caminhos para pesquisa, convertendo os fatos científicos em ações coletivas e tendo o projeto de extensão como meio de conhecimento sólido, fundamentado na práxis, ampliando e diversificando os horizontes.

A maior barreira encontrada foi a frustração dos surdos em relação ao aprendizado da língua portuguesa e a pouca bagagem que dela possuem. Entretanto, considera-se que o projeto rendeu frutos, o que nos assegura que os surdos e ouvintes que participaram deste processo puderam se aproximar do “universo surdo”. Fica evidente que é preciso desenvolver metodologias de ensino que vão de encontro com os alunos surdos e suas necessidades. Não se deve esquecer que a língua materna deste sujeito é a língua de sinais e que o português deve ser ensinado como segunda língua para oportunizar o acesso ao universo informacional escrito.

5. Conclusão

O presente estudo conclui que é preciso salientar que a língua de sinais é o ponto de partida para o processo de aprendizagem do português escrito, e que esta dificuldade não advém de quaisquer problemas de cunho racional e sim de oportunidade. Oportunidade no sentido de ter um espaço educacional que compreenda as diferenças linguísticas, que proporcione o acesso a língua padrão, que, no caso dos surdos, tenham docentes proficientes na língua de sinais e que possibilitando a alfabetização na língua natural dos surdos.

O que se percebe é que as práticas escolares estão focadas em um currículo ouvinte, ou seja, um universo organizado com a valorização da oralidade e da escrita e que, a partir do momento que currículo for pensado para os surdos, facilitar-se-á o processo de ensino-aprendizagem. Desta maneira, com a oferta da educação bilíngue que garanta o direito linguístico do surdo, o enaltecimento da sua língua e sua cultura e o atendimento das suas necessidades específicas de aprendizagem, os jovens alunos terão a possibilidade de se desenvolverem acadêmica, social e politicamente, rompendo com as barreiras de exclusão e saindo do lugar do fracasso e da evasão escolar ocupado historicamente.

Que novas práticas sejam realizadas com o objetivo de proporcionar uma interlocução com a sociedade, onde os atores implicados participem das resoluções de problemas e que enquanto professores de surdos do ensino superior possamos continuar a formação de professores bilíngues, o que entendemos ser um compromisso social e político, com impactos diretos na inclusão dos alunos surdos no ensino superior.

6.Referências

ALBUQUERQUE, K; BARROS, A. L. DE E. C. de. Um novo olhar sobre educação bilíngue para surdos. In: **Libras e educação de surdos: retratos do Mato Grosso do Sul** / Organizadores Reinaldo dos Santos e Grazielly Vilhalva Silva do Nascimento. São Leopoldo: Oikos, 2016.

ALMEIDA, E. O. C. de. **Leitura e surdez: um estudos com adultos não oralizados**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2012.

BISOL, C.A. et al. **Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão** Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 139, p.147-172, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a08.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e prática pedagógicas**.4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 abr. 2002. p. 23. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. 2 ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

GUARINELLO, A.C. **O papel do outro na escrita do sujeito surdo**. São Paulo: Plexus, 2007.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

INEP. **Censo escolar 2006**. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/divulgados-os-resultados-finais-do-censo-escolar-2006/21206. Acesso em: 11 jun.2019.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de (Orgs.). **Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 143-160.

LIMA, C.M. de. **Educação de surdos: desafios para a prática e formação de professores**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2015.

LIMA, J.M.da S; DÉZINHO, M. **Libras e língua portuguesa na escolarização de estudantes surdos no município de Dourados, MS**. In: VIII Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão. Disponível em: <https://site.ucdb.br/eventos/viii-seminario-internacional-fronteiras-etnico-culturais-e-fronteiras-da-exclusao/4453/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LIMA, J. M. da S.; OLIVEIRA, E. N. de. Imbricações de ideias, argumentos e reflexões sobre metodologias de ensino da Língua Portuguesa como L2/M2 para surdos. In:

OLIVEIRA, Ednei Nunes de; CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes (Orgs.). **Libras: reflexões e práticas educacionais**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2018. p. 85-106.

LODI, A. C. B. Ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: impacto na Educação Básica. Coleção UAB – UFSCar: Pedagogia. **Língua Brasileira de Sinais – Libras: uma introdução**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

Disponível em:

<http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/690/1/PE_LinguabrasileiradesinaisLibrasumaintroducao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

OCHIUTO, E. F. A. da S.; ROCHA, E. M. Uso da sala virtual na disciplina de Libras no Ensino Superior: benefícios e desafios. In: OLIVEIRA, Ednei Nunes de; CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes (Orgs.). **Libras: reflexões e práticas educacionais**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2018. p. 85-106.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. de. (Org.). **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã**. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

RONICE, M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

SAMPAIO, I. S.; SANTOS, A. A. **Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.7, n.1, p.31-38, jan. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **Projeto político pedagógico do curso de Letras Libras**. DOURADOS: UFGD, 2017. Disponível em: <https://portal.ead.ufgd.edu.br/wp-content/uploads/2014/01/PPC-Letras-Libras.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **Edital de abertura CCS Nº 11, de 25 de setembro de 2017 processo seletivo vestibular Letras Libras (PSVLIBRAS – 2018/UFGD)**. Disponível em: https://cs.ufgd.edu.br/download/Edital_Abertura_CCS_11_PSVLIBRAS_2018_CONSOLIDADO.pdf. Acesso em: 11 jun. 2019.

*Submetido em dezembro de 2018.
Aprovado em maio de 2019.*